

# **A influência das competências linguísticas e extralinguísticas do revisor no trabalho de revisão de textos<sup>1</sup>**

## **The influence of the linguistic and extralinguistic competences of the reviewer on the revision work of texts**

Marina de Oliveira Bicalho Alves Garcia<sup>2</sup>

### **RESUMO**

As competências linguísticas e extralinguísticas do revisor não recebem muita atenção de profissionais, professores e alguns teóricos do assunto, no entanto, elas possuem grande influência na prática de revisão. O presente trabalho consiste em uma pesquisa exploratória, empírica e bibliográfica que visa transpor conceitos da tradução e da retextualização para a revisão, a fim de demonstrar como tais competências tornam o fazer da revisão uma prática mais completa. Diversos livros e artigos das áreas foram consultados e um questionário foi aplicado a diversos revisores como forma de mostrar que o que se propõe é, de fato, válido para a prática do revisor. Constatou-se que as competências linguísticas e extralinguísticas são um aspecto importante para o trabalho de revisão e que precisam de mais atenção na construção de revisores.

**Palavras-chave:** Competências linguísticas. Competências extralinguísticas. Revisão. Tradução.

### **ABSTRACT**

A proofreader's linguistic and extralinguistic skills do not receive much attention from professionals, teachers and some theorists of the subject, however, they have great influence on proofreading practice. The present work consists of an exploratory, empirical and bibliographical research that aims to transpose concepts of translation and retextualization to proofreading in order to demonstrate how such competences make the practice of proofreading more complete. Several books and articles of the areas were consulted and a questionnaire was applied to several proofreaders as a way of showing that what is proposed is, in fact, valid for the practice of proofreading. It was found that linguistic and extralinguistic skills are an important aspect for the proofreading work and that they need to be of more importance in the construction of a proofreader.

**Keywords:** Linguistic competences. Extralinguistic competences. Translation. Proofreading.

---

<sup>1</sup> Este trabalho decorreu da pesquisa para realização do TCC apresentado ao Instituto de Educação Continuada (IEC PUC Minas), como requisito para obtenção do título de Especialista em Revisão de Textos, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Josiane Andrade Militão.

<sup>2</sup> Graduada em licenciatura do inglês pela UFMG. Pós-graduada em Revisão de Textos pelo IEC PUC-MG. E-mail: nina-garcia@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

O fazer do revisor gera muita discordância entre teóricos, profissionais e professores da área de revisão de textos. Para alguns, revisar se limita a corrigir erros de origem ortográfica e sintática, adequar construções que estão fora da norma culta e padronizar o texto para que se encaixe em um modelo previamente estabelecido. Outros já compreendem a revisão como um trabalho no todo textual, que não se limita à busca do erro; pelo contrário, seu olhar se lança a toda a construção textual e se preocupa em transformar o texto no melhor produto final que poderia ser. Sendo assim, a compreensão textual, a retórica, o estilo, as escolhas de uso, a coesão e a coerência do texto também se tornam preocupações do revisor.

Na era digital em que vivemos, a preferência por uma das definições faz toda diferença. Limitar o revisor a um mero corretor de erros o tornaria semelhante a qualquer aplicativo de redação de textos existente nos dias de hoje. Assim que digitamos as palavras, o corretor ortográfico nos informa dos erros cometidos. O revisor tem como diferencial a compreensão textual, a capacidade de inferir, de produzir diversos sentidos a partir de um texto, o conhecimento prévio e de mundo e a capacidade de ser leitor. É assim, que o fazer revisão se torna parte do processo de construção textual. Sem isso, o revisor seria facilmente substituído por uma máquina.

Apesar da importância do revisor para o processo textual, ainda não existe uma regularização do trabalho de revisão, o que acaba desvalorizando o profissional e leva qualquer pessoa com bom conhecimento gramatical a se considerar apto a revisar um texto. Isso prejudica aqueles que se especializam e se dedicam em sua formação como profissionais dessa área, gerando a necessidade de uma diferenciação entre eles. Quem quer se manter no mercado precisa se destacar; o revisor que trabalha o texto como um todo e utiliza suas experiências como leitor, seus conhecimentos extralinguísticos e sua capacidade de produzir sentidos tem como vantagem uma revisão que produz um texto com maior nível de clareza, de fácil compreensão e que se comunica de maneira eficaz.

Desse modo, na atual situação de mercado, é importante que aquele que pretende ser revisor se preocupe tanto em dominar regras gramaticais, já que pode sanar as dúvidas porventura existentes com a ajuda de dicionários, gramáticas e aplicativos de correção, quanto em aprimorar suas competências enciclopédicas, linguísticas e extralinguísticas, para trabalhar o texto em sua totalidade e participar ativamente do

processo de construção textual. Então, pelo caminho percorrido até aqui, este artigo se propõe a discutir qual a influência das competências linguísticas e extralinguísticas do revisor no processo de revisão de textos. O texto se divide em 9 seções, sendo a 1ª seção a introdução, a 2ª a metodologia, da 3ª a 7ª a apresentação dos conceitos e textos-base, a 8ª uma análise de dados da pesquisa realizada com revisores de texto e a 9ª a conclusão.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa que aqui se apresenta é do grupo das exploratórias, que objetiva dar maior visibilidade a um problema tornando-o mais conhecido, possibilitando a construção de hipóteses e o aperfeiçoamento de ideias e descobertas relativas àquilo que provoca inquietação ao ponto de ser investigado (GIL, 2002). O método de estudo escolhido foi o da pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Gil (2002), é aquela que se desenvolve por meio da análise de materiais publicados, em sua maioria livros e artigos científicos, que sejam pertinentes ao assunto de interesse.

A pesquisa bibliográfica foi escolhida por viabilizar o estudo de um número maior de tópicos e autores, aspecto de grande importância neste artigo, que aborda uma ampla gama de COMPETÊNCIAS E CONCEITOS DA ÁREA DE TRADUÇÃO (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000; NEWMARK, 1998) e de linguística textual (MARCUSCHI, 2003; MATA, 2008; BENFICA, 2013). Mediante a leitura e a investigação dos textos encontrados, uma adaptação dos conceitos e premissas propostos pelos autores será apresentada como alternativa na prática de revisão de textos. O corpus foi selecionado a partir de diversos materiais indicados para leitura ao longo do curso de especialização em revisão de textos, com enfoque na matéria de tradução e nas matérias com ênfase em linguística textual.

Além disso, foi realizada uma pesquisa com revisores de texto que responderam a um questionário de 10 perguntas referentes ao conteúdo deste artigo; os resultados obtidos foram analisados a fim de coletar dados sobre o processo de revisão e verificar se os questionamentos e descobertas feitos se mostram relevantes na prática do revisor.

### 3 RETEXTUALIZAÇÃO

O conceito de retextualização é extensamente debatido em diversos livros e teses do meio acadêmico. No entanto, grande parte dos autores parece não concordar acerca da definição e aplicação do termo. Apesar de ter sido usado primeiramente na tradução, o conceito tornou-se hoje de grande importância em vários processos no meio da linguística textual e do letramento.

Autores como Marcuschi (2003) e Mata (2008) consideram a retextualização como uma série de mudanças profundas e complexas de um texto-base, que envolve aspectos referentes a gêneros textuais, níveis linguísticos, variações de registros, entre outros, o que resultaria em uma transformação completa do produto final, mantendo, no entanto, sua intenção comunicativa. Ambos também aceitam o uso de refacção e reescrita para se referir ao trabalho de retextualização, nomenclatura que entra em discordância com a visão de alguns teóricos sobre o tema. É o caso de Benfica (2013), que em sua tese define retextualização como “o processo de criação de um novo texto a partir de um ou mais textos-fonte.” (p. 31), o que é considerado pela autora uma construção que se utiliza de mudanças mais profundas do que as ocorridas na revisão e na reescrita, as quais são entendidas como “etapas do processo de refacção de um texto produzido, antes de sua divulgação.” (p. 32). Se, por um lado, os autores anteriormente citados consideram refacção e reescrita como sinônimos de retextualização, Benfica (2013) os considera parte do processo de retrabalho em um texto. Sendo assim, fica a critério do leitor e dos estudiosos interessados no tema, escolher o recorte que melhor se encaixa naquilo que se propõe analisar.

Posto isto, a definição privilegiada aqui será a de Marcuschi (2003), por melhor se encaixar na identificação da revisão como um modo de retextualização, que é o que se pretende abordar. Não obstante, Benfica (2013), ao parafrasear Leontev (1984), faz colocações que suportam a possibilidade de classificação da revisão como retextualização, o que gera questionamentos sobre a crença que se tem em relação ao trabalho do revisor, as competências necessárias ao seu fazer e o processo de uma revisão.

A autora argumenta que “... se explicitam um motivo claro para a realização da tarefa (o que incita o sujeito a escrever), que os levaria a ação de, com base em um ou mais textos-fonte, produzir um novo texto...” (p. 18). Ora, o processo de revisão

também se dá com base em diversos textos-fonte, o trabalho do revisor não se baseia somente naquilo que se apresenta no texto a ser revisado; é, na verdade, a construção de diversas pesquisas e consultas feitas pelo profissional que, após várias modificações e sugestões feitas no texto, pode considerá-lo como um novo produto final, e o revisor como um participante ativo na escrita e construção do mesmo.

O modelo proposto por Marcuschi (2003), em uma análise sobre a retextualização da fala para a escrita sugere três subconjuntos de operações que podem ser aplicados à revisão. O primeiro prevê uma limpeza inicial do texto na forma de modificações menores, tais como a eliminação ou adição de palavras, espaços e pontuações desnecessárias, a substituição de termos por outros mais adequados ao gênero textual, o objetivo do texto e seu local de publicação, a reordenação de estruturas agramaticais ou fora do modelo previsto, entre outros. O segundo aborda o tratamento de turnos nos textos em que houver opinião direta, entrevistas ou diálogos, uma vez que, de acordo com o autor, verbos introdutórios de opiniões se mostram complexos em alguns funcionamentos, a exemplo dos jornais. Por último, introduz os processos cognitivos, constituintes dos passos anteriores, por se tratarem de um aspecto essencial a qualquer trabalho que se propõe a fazer em um texto. Sobre esses, Marcuschi (2003, p. 70) diz que “para poder transformar um texto é necessário compreendê-lo ou pelo menos ter uma certa compreensão dele.”

Do mesmo modo, ao estudar os processos, as habilidades e as estratégias envolvidas no trabalho de tradução, nota-se a semelhança com o retrabalho e a revisão de textos, e é a partir dessa semelhança que a base para este artigo foi fundamentada.

#### **4 TRADUÇÃO**

De acordo com Newmark (1998), a prática de tradução se inicia com a leitura do texto-base visando dois objetivos: descobrir sobre o tema abordado e analisá-lo sob o ponto de vista do tradutor. Dessa maneira, o profissional estará apto a escolher o melhor método de tradução para aquele texto e identificar os maiores problemas e dificuldades a serem enfrentados na versão do texto a ser produzida. É somente depois disso que o trabalho de tradução do texto de um idioma para o outro acontece de fato, no entanto, o tradutor precisa levar em consideração diversos fatores linguísticos e extralinguísticos durante sua produção.

O autor acentua a intenção do texto e do tradutor, o estilo, o público-alvo, o nível de formalidade, a qualidade da escrita, o local de publicação e as conotações e denotações encontradas como aspectos importantes na tradução de um texto. A crença de que o conhecimento de dois idiomas ou mais é a única competência necessária ao tradutor minimaliza seu fazer e todos os outros tipos de conhecimentos e domínios necessários na realização de uma tradução.

Alves, Magalhães e Pagano (2000) referem-se a algo chamado de “competência tradutória”, definida como “todos aqueles conhecimentos, habilidades e estratégias que o tradutor bem-sucedido possui e que conduzem a um exercício adequado da tarefa tradutória.” (p. 13). Alguns dos fatores por eles enumerados como pertencentes a essa competência são o conhecimento lexical, morfológico e sintático das línguas constituintes do processo, o domínio de habilidades correspondentes a um nível considerado mais complexo, tais como, conhecimento de aspectos textuais, de coesão e coerência, diferenciação entre macro e microestruturas textuais, além do domínio de registros e gêneros do discurso.

Desse modo, o trabalho de tradução se apresenta muito mais complexo e intrincado do que as definições e representações que se tem nos dias de hoje. Um cenário muito similar é encontrado ao se falar sobre revisão, a crença existente é a de que basta dominar os aspectos gramaticais de uma língua para ser revisor, quando, na realidade, o domínio de quase todas as competências mencionadas como necessárias à tradução e à retextualização são, também necessárias para um bom trabalho de revisão. É por esse motivo que se pretende adaptar os processos, conceitos e competências linguísticas e extralinguísticas colocadas por esses autores como importantes na tradução para a revisão. Traçando assim um paralelo entre as práticas, demonstrando a complexidade dos fazeres e a importância da valorização do profissional que se especializa nessas áreas e do trabalho por ele desempenhado.

## **5 AS CONVERGÊNCIAS ENTRE TRADUÇÃO E RETEXTUALIZAÇÃO**

O termo retextualização, de acordo com Marcuschi (2003), foi usado pela primeira vez por Neusa Travaglia (1993) em sua tese de doutorado sobre tradução. Sendo assim, a tradução pode ser considerada um tipo de retextualização, já que a “passagem” de um texto de um idioma para outro é um modo de “recriação” do texto,

sem que o sentido inicial se perca ou seja drasticamente modificado de forma a não transmitir mais a mesma mensagem.

Por esse motivo, diversas competências necessárias à retextualização são também necessárias à tradução. A primeira delas trata dos aspectos de uso da memória e do conhecimento prévio, o que envolve a compreensão do texto a ser trabalhado e a capacidade de inferenciação de quem trabalha o texto. Alves, Magalhães e Pagano (2000, p. 66), ao tratar do papel dos subsídios internos no trabalho de tradução, dizem que “Muitas vezes, porém, nos deparamos com enunciados cuja compreensão depende muito mais do nosso conhecimento de mundo do que de operações lógicas.” A memória e os conhecimentos adquiridos pelos profissionais ao longo da vida e na construção de seu fazer têm grande importância no processo de transformação de um texto.

Outros aspectos de adequação a serem observados são os contextuais e de gênero; sobre isso, Marcuschi (2003) afirma: “O certo é que uma retextualização não é indiferente aos seus objetivos ou propósitos.” (MARCUSCHI, 2003, p. 54), quando um texto está em processo de refacção ou tradução, é importante levar em consideração o local de publicação, a intenção do texto original e de sua retextualização.

O uso de subsídios externos ao texto, tais como fontes textuais, recursos computacionais e consultas a outros especialistas, também são recursos usados na tradução e retextualização. A utilização desses se torna essencial, uma vez que muitos termos e construções utilizados podem não ser de conhecimento do tradutor/retextualizador. Alves, Magalhães e Pagano (2000) afirmam que “Mesmo contando com uma sólida formação escolar, com cursos de especialização ou com uma permanente atualização de seus conhecimentos em áreas diversas, o tradutor não consegue dominar todas as áreas de conhecimento...” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 40), sendo assim, dicionários, gramáticas e glossários podem ser usados na procura de sinônimos e usos dos termos que causam estranhamento ou dúvida. Além disso, a utilização de subsídios externos é necessária para tornar o texto menos prolixo, ajudar na referenciação, em questões de coesão e coerência, uso de pontuação e verificação ortográfica.

Posto isso, tradução e retextualização convergem em diversos aspectos, não somente pela tradução ser um modo de retextualização, mas porque os trabalhos feitos em um texto são essencialmente os mesmos e têm como maior diferenciador a intenção

pela qual são feitos, as condições de trabalho e produção, e a autonomia do profissional em seu fazer.

## 6 A AUTONOMIA DOS PROFISSIONAIS DE TRADUÇÃO E REVISÃO

O mercado de trabalho para revisores e tradutores conta com uma ampla gama de possibilidades, além de ter grande importância em diversos campos de atuação tais como o acadêmico, o didático, o editorial e o publicitário. Mesmo assim, ambas as profissões não encontram muita valorização e reconhecimento na sociedade, tornando os profissionais da área, em sua maioria, autônomos. Apesar de existirem associações como a Abrates (Associação Brasileira de Tradutores) e a ABRT (Associação Brasileira de Revisores de Texto), que se propõem a dar suporte e parâmetros aos profissionais, a realidade é muito diferente.

Diversas empresas e empregadores preferem contratar estagiários e substituí-los a cada fim de contrato, empregar pessoas com conhecimento suficiente em um idioma ou com bom domínio gramatical para desempenhar tais funções, a empregar profissionais devidamente capacitados e especializados nas áreas. As crenças disseminadas em relação a essas profissões cada dia mais desencorajam os profissionais e desvalorizam o seu fazer aos olhos da sociedade; sobre isso, Alves, Magalhães e Pagano (2000) dizem que (a crença) “... é responsável pelo descrédito que a profissão recebe em alguns círculos e, infelizmente, continua sendo confirmada por exemplos de trabalhos improvisados ou realizados por pessoas não qualificadas.” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 14).

Desse modo, a atuação liberal (*freelancer*) é o que resta para os profissionais das áreas, e mesmo entre os autônomos há aqueles que não se qualificaram para o trabalho, mas por terem bom domínio de algumas competências necessárias a esses fazeres se consideram aptas. Teoricamente, um trabalho que não está submetido a moldes e lemas de empresas deveria vir imbuído de maior liberdade, mas não é o que acontece. Os profissionais de revisão e tradução têm seu trabalho limitado por uma série de fatores que acabam por tirar o título de autonomia de seu fazer, uma vez que cada cliente se torna chefe e cada trabalho possui uma intenção pré-definida que deve ser respeitada.

A relação cliente-revisor / cliente-tradutor é de grande influência para o trabalho no texto. É a partir dessa troca que o profissional se conscientiza de seus limites em



relação ao texto. Nem sempre o revisor / tradutor tem contato com o autor do texto a ser trabalhado, nesses casos o cliente pode ser um mediador ou alguém que pretende usar o texto para algum propósito específico. Nos casos em que o cliente é o autor, a relação pode ser um pouco mais desafiadora, já que muitos autores acreditam que as únicas modificações necessárias a sua escrita são as de cunho puramente gramatical.

Marcuschi (2003), ao falar sobre o processo de retextualização, pondera sobre as diferenças entre uma revisão feita pelo próprio autor do texto e uma feita por outra pessoa. O autor diz “... uma outra pessoa que não o próprio autor do texto em processo de retextualização terá mais “respeito” pelo original e fará menor número de mudanças no conteúdo...” (MARCUSCHI, 2003, p. 54). A afirmação feita por ele se mostra uma verdade em todos os modos de retextualização tais como a revisão e a tradução, principalmente por parte daqueles profissionais do texto que são iniciantes em suas profissões.

Em relação à intenção do autor dos textos, Alves, Magalhães e Pagano (2000) afirmam que

Assim, por exemplo, podem ser realizadas diferentes traduções de um mesmo original de acordo com os objetivos pretendidos, o público-alvo, a função que se busca atribuir ao texto traduzido e outros fatores mercadológicos ou não que participam das decisões a serem tomadas na recriação de um texto... (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 15).

Um texto traduzido por razões didáticas será diferente de sua tradução visando o entretenimento e assim por diante. O público consumidor desses trabalhos não é o mesmo, possui níveis de conhecimentos diversos e tem expectativas em relação ao texto que esperam que sejam preenchidas. A mesma coisa acontece com a revisão; cada trabalho se dá por um motivo e será veiculada em um meio diferente, cabe ao revisor adequar os textos aos seus propósitos.

Portanto, a autonomia de revisores e tradutores não é completa; ela influencia as escolhas mercadológicas dos profissionais, mas seu fazer é permeado, imbuído e muitas vezes moldado por fatores externos ao texto e a si mesmo. Sendo assim, é importante que aquele que se propõe a trabalhar no texto domine diversas competências e habilidades para que seu fazer seja completo.

## 7 COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS PARA A REVISÃO AUTÔNOMA

Alves, Magalhães e Pagano (2000) propõem estratégias para que o tradutor em formação se torne um profissional competente e bem-sucedido. É a partir do proposto pelos autores que se pretende abordar as competências importantes na prática de revisão. Diversos grupos sociais creem que saber mais de um idioma é a única habilidade envolvida no processo de tradução, assim como existe a crença de que ser revisor nada mais é do que ter um bom conhecimento gramatical e ser um bom corretor de “erros” ou inadequações. Nenhum desses profissionais é considerado, de fato, parte integrante da construção de um texto, o que não é verdadeiro; o trabalho por eles realizado é bem mais profundo e transformador do que a visão que se tem, além de envolver uma grande quantidade de escolhas que afeta o produto final que está sendo construído. Algumas das competências linguísticas e extralinguísticas envolvidas no processo de modificação de um texto por meio da revisão são: compreensão e inferenciação, domínio de gêneros textuais, domínio e conhecimento lexical, capacidade de pesquisa em diferentes fontes (verificação e suporte em dicionários, gramáticas, glossários, livros, sites, publicações científicas, entre outros meios).

A primeira competência necessária a uma revisão que vai além da correção gramatical é a compreensão textual, não há como transformar aquilo que não foi compreendido. Compreender um texto envolve diversos fatores, o mais importante deles é o conhecimento de mundo ou conhecimento prévio. É a partir daquilo que já se sabe que novos conhecimentos são adquiridos e novos sentidos construídos. Ler sobre o que não se conhece prejudica a compreensão e não compreender compromete o trabalho de revisão. “... as informações prévias determinam as possibilidades de compreensão...” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 67), desse modo, o nível de conhecimento sobre um assunto determina o nível de compreensão do texto e as possibilidades de modificação do mesmo.

A inferenciação é a segunda competência, já que aquilo que não é compreendido pode ser inferenciado pelo contexto em que se insere. De acordo com Alves, Magalhães e Pagano (2000), a inferenciação é um mecanismo interno que utiliza a cognição e a memória para compreender as informações de maneira indireta. Os autores a classificam em dois tipos, a de caráter local e a de caráter global. A primeira diz respeito às informações que podem ser recuperadas por meio dos aspectos coesivos do texto, já a

segunda diz respeito às informações que podem ser recuperadas pela coerência. Ambas são importantes no trabalho de revisão do texto para que o produto final transmita a mensagem pretendida de forma clara ao leitor.

O conhecimento dos gêneros textuais e o domínio das características pertencentes a eles são essenciais no processo de adequação do texto. Alves, Magalhães e Pagano (2000, p. 72) definem gênero textual como “formas convencionais de textos” que refletem as funções e os objetivos de eventos sociais determinados bem como os propósitos dos participantes desses eventos.” Todo texto é criado com um objetivo, tem um local de publicação, um público-alvo e nasce em um gênero. É função do revisor garantir que sua revisão adapte o texto a todos esses aspectos, tornando o conhecimento de tudo que constitui um gênero necessário à prática.

Um bom domínio lexical tem papel importante em todos os passos de uma revisão textual. A escolha das palavras adequadas, ou não, interfere na transmissão da mensagem do texto e não pode ser feita de maneira arbitrária ou displicente. Alves, Magalhães e Pagano (2000), ao falarem sobre léxico, apontam que as palavras precisam de grande atenção, de modo “a se observarem as restrições da língua que determinam o significado pressuposto dos itens lexicais e a não se correr o risco de tornar o texto inaceitável para o seu público leitor.” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 96). O uso assertivo de termos em um texto é o que o faz aceitável para quem lê, em relação a diversos aspectos, por esse motivo o revisor que possui maior conhecimento do léxico da língua adapta o texto a seus propósitos de forma mais eficaz.

Os últimos recursos a serem observados são os apoios externos. Há uma crença de que o revisor não precisa de nenhuma informação ou subsídio externo ao texto para a execução de suas tarefas, mas a realidade da prática mostra que apenas os elementos de apoio interno do revisor e as informações textuais não são capazes de solucionar todos os problemas encontrados ao longo de uma revisão, por isso a consulta a fontes externas é necessária. Dicionários, enciclopédias, glossários, gramáticas, livros especializados, revistas e pesquisas na internet podem auxiliar quando todas as competências anteriores não forem capazes de sanar todas as dificuldades encontradas no corpo do texto. “A necessidade, por parte do tradutor, de buscar em fontes de consulta externas informações que não possui é fato inquestionável no exercício da atividade tradutória.” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 40). Assim como na tradução, a consulta a informações externas é essencial na prática de revisão, para solucionar questões

linguísticas de toda ordem. Portanto, é interessante que o revisor possua esses materiais ao alcance quando estiver trabalhando em um texto.

Desse modo, é necessário ao profissional de revisão o domínio de diversas competências linguísticas e extralinguísticas e o apoio de subsídios internos e externos para que a prática seja bem sucedida. Revisar vai muito além do domínio gramatical e da correção do texto, é uma transformação profunda feita pelo primeiro leitor crítico do texto, visando a uma adequação a seus propósitos e intenções.

## **8 ANÁLISE DE DADOS**

Um questionário de dez perguntas (quatro dissertativas e seis de múltipla escolha) foi elaborado com base nos aspectos abordados ao longo do artigo, além de responderem à pergunta central proposta: Até que ponto as competências linguísticas e extralinguísticas do revisor influenciam o trabalho de revisão? Essas perguntas foram elaboradas objetivando-se juntar evidências para sustentação dos argumentos propostos à luz da prática. Quatorze revisores de diferentes formações e níveis de experiência responderam à pesquisa, e os resultados obtidos, apesar de mistos, são de extrema relevância para o assunto abordado.

Na primeira questão, foi reproduzida a seguinte afirmação de Marcuschi (2003, p. 52): “... no caso de uma retextualização, interferimos tanto na forma e substância da expressão como na forma e substância do conteúdo...”, e os sujeitos foram perguntados se e por que, levando em consideração o que o autor disse, eles consideravam a revisão um modo de retextualização. Cinco responderam que não, seis responderam que sim e três responderam de maneira indefinida. Levando em consideração a classificação da revisão como retextualização proposta neste artigo, a maioria das respostas recebidas corrobora essa percepção da revisão como uma retextualização do texto. As três respostas indefinidas apresentavam motivos tais como “se a qualidade do texto for muito ruim é necessário um trabalho maior”, “a essência do texto que precisa ser transmitida apesar das modificações” e a “visão original do autor que o sujeito considera precisar ser mantida sem nenhum decréscimo ou acréscimo”.

Os que responderam positivamente corroboraram suas respostas com diversos argumentos, tais como: “Para além da afirmação de Marcuschi, como Bacharel em Jornalismo, eu sei que todas as vezes que um texto e/ou fato sofre a interferência ou

passa pelas mãos humanas, o mesmo é afetado em maior ou menor escala; desde a criação até a revisão.” ou “As interferências concretizadas pela revisão alteram tanto a forma quanto o conteúdo do texto e, por isso, consistem em um modo de retextualização.”, afirmações que sustentam a classificação da revisão como uma maneira de retextualizar um texto.

As perguntas dois, três e quatro visavam investigar a importância de algumas competências linguísticas e extralinguísticas, mencionadas neste artigo, para o trabalho de revisão. Foi estabelecida uma classificação que variava entre um e cinco, sendo um “nada relevante”, e cinco “muito relevante”. As respostas obtidas nessas perguntas são apresentadas na tabela a seguir:

**Tabela 1 - Importância de competências linguísticas e extralinguísticas**

| Perguntas                                  | 1<br>Nada<br>relevante | 2           | 3<br>Neutro  | 4           | 5<br>Muito<br>relevante |
|--------------------------------------------|------------------------|-------------|--------------|-------------|-------------------------|
| Importância do conhecimento prévio         | 0%<br>(0)              | 7,1%<br>(1) | 14,3%<br>(2) | 50%<br>(7)  | 28,6%<br>(4)            |
| Importância do conhecimento gramatical     | 0%<br>(0)              | 0%<br>(0)   | 7,1%<br>(1)  | 7,1%<br>(1) | 85,7%<br>(12)           |
| Importância da capacidade de inferenciação | 0%<br>(0)              | 0%<br>(0)   | 21,4%<br>(3) | 50%<br>(7)  | 28,6%<br>(4)            |

Fonte: Elaboração da autora, 2018.

Considerando-se as respostas obtidas, apenas uma das pessoas acredita que o conhecimento prévio seja pouco relevante para a prática, duas acreditam que ele seja neutro e onze o consideram importante (bastante ou muito relevante) para o trabalho de revisão. Quanto à importância da gramática para o trabalho de revisão, a resposta foi dentro do esperado, uma vez que a crença que se tem sobre o fazer do revisor é a de que apenas o domínio da gramática é necessário para revisar; reforçando essa crença, treze pessoas consideraram esse conhecimento essencial à prática e apenas uma o considerou neutro.

No que diz respeito à capacidade de inferenciação, três pessoas a consideraram neutra e onze a consideraram importante (bastante ou muito relevante) para o trabalho de revisão. Como pode ser observado, a maioria dos revisores participantes deu alta

importância para o papel do conhecimento de mundo, da gramática e da inferenciação para seu fazer, a colocação de tais competências como igualmente importantes para o trabalho do revisor confirma a teoria que se propõe neste artigo, de que a revisão vai muito além de um bom domínio gramatical e as competências linguísticas e extralinguísticas dominadas pelo profissional influenciarão na qualidade de seu retrabalho.

A pergunta de número cinco investiga o nível de dificuldade atribuído a revisões de textos técnicos de uma área diversa àquela de formação do revisor. Três pessoas acreditam que a influência desse aspecto é neutra, enquanto onze pessoas consideram textos de outras áreas como retrabalhos mais complexos. De acordo com os resultados obtidos por meio das respostas dos sujeitos, pode-se reafirmar a importância do conhecimento prévio ou de mundo (domínio do assunto, competência na área) para um bom trabalho de revisão e afirmar que produzir revisões dentro de uma só área de atuação resulta em trabalhos mais eficazes.

Além das revisões de textos técnicos de outras áreas serem consideradas mais difíceis, as respostas dadas à pergunta nove, que diz respeito à mudança que o processo de revisão sofre nesses casos, mostra que as dificuldades encontradas são muito mais abrangentes e se resolvem, em sua maioria, por meio de subsídios externos ao texto e ao revisor. Alguns dos argumentos apresentados pelos revisores dizem respeito à necessidade de maior diálogo com o autor a fim de minimizar os erros de compreensão, à pesquisa prévia de vocabulários técnicos, consulta a materiais da área, mais tempo para revisar o texto e, conseqüentemente, trabalhos mais demorados e à busca de mais subsídios externos tais como dicionários, sites, enciclopédias, glossários, entre outros. Todos os aspectos citados tornam a revisão mais lenta, por sua necessidade de pesquisa constante e muitas vezes da retirada de dúvidas com o autor ou outros especialistas da área, o que corrobora a ideia de que o conhecimento prévio sobre uma área torna o processo de revisão melhor, mais eficiente e eficaz.

Marcuschi (2003, p. 47) afirma que “... antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão.” Perguntou-se aos sujeitos se eles concordavam com a afirmação do autor, como a compreensão faz parte do processo de revisão de cada um deles e foi pedida uma exemplificação do papel desenvolvido pela compreensão no fazer do revisor. Os quatorze revisores participantes consentiram com a afirmação de Marcuschi, três

adequações pertencentes ao processo de revisão foram as mais frequentes nas respostas recebidas, sendo apresentadas como o motivo para a concordância unânime com o autor.

A primeira delas fala sobre a legibilidade do texto, diversas respostas colocam o revisor como o primeiro leitor do texto e argumentam que “o revisor é também leitor e, se não há clareza para ele, é prova de que são necessárias melhorias textuais para a efetiva comunicação”, há que se compreender para que a revisão traga uma clareza maior para o texto e seus propósitos sejam alcançados. Os sujeitos também consideraram que a preservação da mensagem do autor do texto é necessária e se ela não é compreendida pelo revisor, pode ser que as alterações feitas transformem o texto em um produto diferente da visão original de quem o produziu. “Uma intervenção bem sucedida requer a interpretação correta do que o autor realmente quer dizer com a sua obra”, a revisão que não compreende pode até mesmo alterar um fato histórico com um “não” mal colocado. Apesar da argumentação dos revisores em relação ao objetivo proposto pelo autor em seu texto original, é importante que o motivo para a revisão, a qualidade do texto e as informações dadas pelo autor sejam consideradas na hora da revisão, nem sempre será válido preservar integralmente o que autor diz, como exemplo podem-se citar situações de plágio, incoerência, inconsistência de informações, ilegibilidade, etc.

Como terceira adequação foi citada a linguagem técnica, “Já que existem áreas do conhecimento distintas, nas quais há escolhas léxicas específicos [sic] que manifestam polissemia, é preciso primeiro compreensão para depois existir transformação textual.”. Diversas áreas acadêmicas utilizam alguns termos em sentidos diferentes daqueles de uso popularizado, sendo assim, é importante que o revisor busque saber quais são os termos técnicos presentes na revisão que irá fazer e seus significados, para que não interfira no texto de maneira errônea por achar que uma palavra está sendo usada com o sentido errado.

As perguntas sete e oito buscavam compreender a importância dos subsídios externos (dicionários, enciclopédias, sites de busca e gramáticas) e a frequência de seu uso no trabalho de revisão, os dados obtidos estão na tabela a seguir:

**Tabela 2 - Importância e frequência de uso de subsídios externos**

| Pergunta                      | 1<br>Nunca              | 2         | 3            | 4            | 5<br>Sempre              |
|-------------------------------|-------------------------|-----------|--------------|--------------|--------------------------|
| Frequência de uso             | 0%<br>(0)               | 0%<br>(0) | 21,4%<br>(3) | 7,1%<br>(1)  | 71,4%<br>(10)            |
|                               | 1<br>Nada<br>importante | 2         | 3            | 4            | 5<br>Muito<br>importante |
| Importância para a<br>prática | 0%<br>(0)               | 0%<br>(0) | 7,1%<br>(1)  | 28,6%<br>(4) | 64,3%<br>(9)             |

**Fonte: Elaboração da autora, 2018.**

Apesar de treze dos revisores considerarem o uso de subsídios externos importante para a revisão de textos, somente onze deles os utilizam com frequência; com base em tudo que foi argumentado ao longo do texto, esse dado leva a possíveis inferências: os revisores que responderam à pesquisa são experientes, possuem preferência por trabalhos dentro da área que dominam, praticam revisões mais corretoras do que retextualizadoras e trabalham em textos menos problemáticos. Isso evidencia que a construção do sujeito revisor se dá para muito além do domínio gramatical e relaciona-se muito mais com as vivências e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida pessoal, acadêmica e profissional.

A última questão a ser abordada buscava medir a influência do ‘eu’ leitor sobre o fazer do ‘eu’ revisor, a resposta a essa pergunta foi unânime, uma vez que todos os sujeitos participantes da pesquisa consideram o hábito de leitura e as experiências como leitor de grande importância para a revisão:

Um revisor que lê muito, além dos benefícios psicolinguísticos muitas vezes atribuídos aos leitores (maior agilidade de raciocínio, vocabulário mais amplo, melhor domínio da escrita, etc.), terá provavelmente maior domínio da variante culta da língua portuguesa e também do vocabulário técnico ou jargão daquelas áreas que conhece por meio da leitura. Assim, acredito que a leitura influencia positivamente o trabalho do revisor (Revisor 3).

Posto isso, é de grande importância que o revisor seja também um leitor, não somente para adquirir vocabulário ou domínio da norma culta, mas também para aumentar sua base de dados (conhecimento prévio), revisar com o olhar de público alvo



e dá ao revisor mais ferramentas para retrabalhar o texto. Uma das maneiras de maior aprendizado em relação a gêneros textuais, coerência, coesão e estilo de escrita se dá por meio da leitura, e todos esses conhecimentos e competências são de extrema relevância para o processo de revisão.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O debate sobre o papel do revisor, a extensão de seu trabalho e o lugar que ele ocupa na produção de um texto está longe de alcançar a concordância entre teóricos, professores e profissionais da área. Apesar disso, o revisor tem ganhado cada vez mais espaço no mercado de trabalho e vê um futuro promissor com a criação de especializações em revisão de textos e a consolidação da ABRT (Associação Brasileira de Revisores de Texto). Porém, para que isso aconteça, é necessário que os profissionais se qualifiquem para além das crenças de que a revisão se baseia somente no conhecimento gramatical, dentro da perspectiva discursiva da retextualização.

As competências linguísticas e extralinguísticas apresentadas ao longo deste artigo tornam o processo de revisão mais fácil, mais completo e mais eficaz, resultando em um produto final de qualidade e colocando o revisor como um dos produtores do texto e não somente um leitor especializado, e a revisão como retextualização e não uma correção. A pesquisa realizada mostra que na prática as habilidades necessárias ao revisor e a extensão de sua interferência no texto são muito maiores do que aquelas consideradas por clientes, autores e a crença social.

Desse modo, é importante que o profissional que pretende se dedicar à prática de revisão de textos invista seu tempo nos estudos sobre uma ou mais áreas de atuação, no desenvolvimento de sua capacidade de inferência e compreensão, na busca de bons subsídios de pesquisa externos, na sua construção como leitor e conhecimento de gêneros textuais e suas características. É igualmente importante que os formadores de revisores e teóricos incentivem o profissional da revisão a olhar para além da gramática e enxergar o texto como um todo, e seu fazer como uma interferência de grandes proporções e não uma mera correção de erros.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2000.

BENFICA, Maria Flor de Maio. **Atividades de retextualização em livros didáticos de português: estudo dos aspectos linguístico-discursivo dos gêneros implicados**. 2013. 170 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9MQPQN>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MATA, Maria Aparecida da. **Processos referenciais na retextualização de texto acadêmicos**. 2008. 174 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-7LXPH7>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

NEWMARK, Peter. **A textboook of translation**. Londres: Prentice Hall, 1998.